

AVALIAÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tamires Alvarado de Freitas¹, Luiz Gustavo Bonatto Rufino¹, Alexander Klain Tahara²,
Suraya Cristina Darido¹

¹Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro.

²Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Correspondência para: surayacd@rc.unesp.br

Submetido em 10 de Dezembro de 2015

Primeira decisão editorial em 1 de Abril de 2016

Aceito em 28 de Abril de 2016

RESUMO

O objetivo desse estudo qualitativo foi analisar a implementação de um programa de práticas corporais de aventura (PCAs) nas aulas de Educação Física em uma escola. Avaliou-se as opiniões do professor de Educação Física e dos seus alunos envolvidos no processo, por meio de entrevista semiestruturada e questionário aberto, respectivamente. Os resultados demonstram que o processo foi importante por apresentar um novo conteúdo possível de ser desenvolvido nas aulas, uma vez que os alunos e o professor comentaram que desconheciam até então as PCA, mas ao mesmo tempo mostraram-se bastante motivados. Como dificuldades, os participantes salientaram a escassez de materiais na escola e falta de espaço físico adequado para a execução das práticas, mas consideram que as PCAs apresentam possibilidades de inserção no contexto escolar, mesmo que de maneira adaptada, por ser uma manifestação que faz parte da cultura corporal de movimento. Concluiu-se que o processo permitiu uma ampliação de conteúdos desenvolvidos nas aulas e oportunizou vivências significativas que, ao serem democratizadas, podem tornar outros processos semelhantes igualmente significativos.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Conteúdos curriculares. Práticas Corporais de Aventura.

EVALUATION OF THE IMPLEMENTATION OF AN ADVENTURE BODY PRACTICES PROGRAM IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Tamires Alvarado de Freitas¹, Luiz Gustavo Bonatto Rufino¹, Alexander Klein Tahara²,
Suraya Cristina Darido¹

¹*Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro.*

²*Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – Ilhéus/BA*

Correspondence to: surayacd@rc.unesp.br

Submitted in December 10th 2015
First editorial decision in April 1st 2016
Accepted in April 28th 2016

ABSTRACT

The aim of this qualitative study was to analyze the implementation of a program of physical practices adventure in physical education classes in school. We evaluated the views of physical education teacher and their students involved in the process, through a semi-structured interview and open questionnaire, respectively. The results show that the process was important to present a new possible content to be developed in the classroom, as students and teachers commented that unaware until then the PCAs, but at the same time were quite motivated. As difficulties, participants stressed the shortage of materials in school and lack of adequate space for the implementation of practices, but consider that the PCAs have possibilities of integration in schools, even if need be adapted way, as a demonstration It is part of the culture of body movement. We conclude that the process allowed an expansion of content developed in class and hinted at significant experiences that, when democratized may make other equally significant similar processes.

Keywords: School Physical Education. Curricular contents. Adventure Body Practices.

INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura (PCAs) podem ser entendidas como aquelas manifestações realizadas em meio natural, urbano ou mesmo artificiais, tendo como principal característica envolver risco controlado. São vivências realizadas há muito tempo e até mesmo como forma de sobrevivência (CANTORANI; PILLATI, 2005), cada vez mais crescentes na sociedade atual.

As pessoas optam por tais práticas em seu tempo livre e nos momentos de lazer (BRUNHS, 1997; BETRÁN, 2003; SCHWARTZ, 2006). A discussão e a prática dessas atividades são relativamente recentes no contexto da Educação Física escolar no Brasil (AURICCHIO, 2009; PEREIRA; ARMBRUST, 2010; GONÇALVES JÚNIOR et al., 2011; ALVES; CORSINO, 2013).

Ressalta-se que, nesse estudo, será utilizada a terminologia “Práticas Corporais de Aventura” (PCAs), embora sejam mantidos, no decorrer do texto, os termos usados por outros autores, pois segundo Dias e Alves Júnior (2006), ainda não há um consenso acadêmico sobre a adoção de um termo específico para designar e caracterizar essas práticas. Por isso, elas ora são denominadas de esportes de aventura, atividades de aventura, atividades físicas de aventura na natureza, entre outros.

O motivo por adotar a terminologia de PCAs deve-se ao fato, assim como entendem Franco, Cavasini e Darido (2014, p.105), desta nomenclatura oferecer “um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares”. Além disso, é preciso destacar que muitas dessas práticas não ocorrem exclusivamente em meio natural como, por exemplo, o skate e a escalada em paredes artificiais, por isso, optamos por não empregar o termo “natureza”.

Ao depararmos com o currículo da Educação Física, podemos identificar uma diversidade significativa de conteúdos, bem como práticas pedagógicas muitas vezes alicerçadas em uma limitada ênfase, a apenas algumas manifestações corporais, tais como alguns esportes coletivos. Como destaca Forquin (1993), o currículo escolar se apresenta como uma seleção dos conhecimentos da cultura, envolvendo os processos escolares de maneira ampla e diversificada, incluindo as práticas pedagógicas, as filosofias educacionais, a formação de professores e os seus conhecimentos.

Fensterseifer e Silva (2011) entendem que a área de Educação Física escolar vive atualmente uma transição no que se relaciona a sua prática pedagógica. Torna-se importante proporcionar aos alunos a aquisição de novos conhecimentos relacionados às diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento. É necessário buscar elementos para construir uma prática pedagógica que amplie as possibilidades do professor em oferecer aos não mais centrada apenas no exercitar-se e na repetição de modalidades esportivas tradicionais.

Desta forma, levantam-se as seguintes indagações: Por qual motivo não implementar as PCAs nas aulas de Educação Física escolar? Seria interessante para os alunos vivenciarem e aprenderem tais práticas? Como selecionar e organizar uma unidade didática desses conteúdos? Quais seriam as dificuldades para a inserção dessas práticas durante as aulas? Como professor e alunos avaliariam o processo de implementação de uma proposta de PCAs na escola?

Na escola, é possível trabalhar o desenvolvimento integral da criança ou do adolescente, sendo indispensável que o professor possibilite os estímulos necessários a cada fase de desenvolvimento, atendendo aos interesses e necessidades dos alunos (PEREIRA; ARMBRUST, 2010). Porém, como já mencionado anteriormente, o conteúdo das PCAs ainda não é disseminado de modo significativo por muitos professores em escolas do Brasil, embora já possa se observar um crescimento, ainda que tímido, nesse sentido, fato que justifica a

realização de novos estudos que permitam um alargamento das compreensões sobre a inserção destas práticas na escola, especificamente durante as aulas de Educação Física.

Sobre a importância no cotidiano das aulas escolares, Franco, Cavasini e Darido (2014) argumentam que, para o propósito de promover a inclusão de novos conteúdos na escola, é necessário superar barreiras construídas ao longo do tempo, por exemplo, a tradição das práticas esportivas em quadra, a qual se apresenta como uma das situações mais hegemônicas encontradas cotidianamente nas aulas de Educação Física no Brasil. Além disso, as potencialidades das PCAs em iniciativas educacionais incidem sobre ganhos de autoimagem e autoconfiança, desenvolvimento de competências de liderança e de trabalho em grupo, melhoria das relações entre os seres humanos e a natureza, promoção da ética ambiental, aumento dos níveis de cooperação e coesão social, entre outros (BETRÁN; BETRÁN, 2006; FRANCO, 2011).

Assim, buscou-se analisar a implementação de um programa de PCAs na escola, dentro das aulas de Educação Física, avaliando as opiniões do professor de Educação Física desta instituição, bem como dos alunos envolvidos durante o processo de vivência das práticas com o conteúdo aventura. Como citado anteriormente, esse processo justifica-se tendo em vista a produção ainda incipiente de estudos sobre esta temática nas aulas de Educação Física, ao mesmo tempo que se considera necessário compreender as potencialidades pedagógicas que as PCAs podem acarretar tanto no contexto escolar quanto para a formação dos alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Natureza da Pesquisa

Esta pesquisa teve um caráter qualitativo, sendo uma pesquisa do tipo exploratória. Thomas, Nelson e Silverman (2007) entendem que a abordagem qualitativa tem uma importância significativa por envolver a observação intensiva em um ambiente, sendo registrado e detalhado o que acontece neste local. Além disso, envolve um processo de interação científica com os participantes, no qual a sensibilidade e percepção são essenciais na busca e no processamento de observações e respostas das questões do estudo.

Participantes

Houve a participação de uma turma de 18 alunos da sexta série do Ensino Fundamental, atual sétimo ano, com idades entre 12 e 13 anos, de uma escola da rede pública estadual de ensino de São Paulo localizada no interior do Estado.

O critério para a inclusão desta escola foi o fato dela apresentar uma parceria ativa com a universidade de origem dos autores no que corresponde à vinculação de projetos de estágio curricular supervisionado, bolsas de iniciação à docência, entre outras ações. Além disso, o corpo docente e a equipe gestora demonstraram interesse na implementação de propostas inovadoras para os mais diversos componentes curriculares, entre eles, a Educação Física. A escolha do sétimo ano se deu em parceria com o professor da disciplina, considerando-se que esta é uma idade que permite às crianças expressar opiniões com maior clareza, tendo em vista que as outras turmas que o professor ministra aulas serem compostas por alunos com idade inferior à esta classe do sétimo ano.

Participou, também, da pesquisa o professor da referida turma, cuja idade era de 28 anos. Ele foi formado por uma universidade pública do estado de São Paulo, e acompanhou todo o processo de implementação do programa sobre as práticas corporais de aventura na instituição. Ressalta-se que o professor não teve participação direta na implementação das propostas de atividades, mas apenas acompanhou todo o desenvolvimento das ações, que foram executadas pelos autores da pesquisa.

Instrumentos

Após a implementação das aulas sobre os conteúdos de PCAs, professor e alunos responderam a uma entrevista e a um questionário, respectivamente, desenvolvidos de modo específico, de acordo com os objetivos do presente estudo. A entrevista semiestruturada foi aplicada ao professor de Educação Física da escola que acompanhou o processo e foi baseada nos seguintes eixos: considerações sobre o processo, possibilidades das PCAs na escola, considerações sobre a didática e a prática de ensino desenvolvida, principais pontos positivos e negativos elencados.

A entrevista semiestruturada, de acordo com Dencker (2002), apresenta algumas vantagens, pois possibilita explorar questões sobre as quais existem poucos dados ou informações, permitindo ao entrevistado verbalizar livremente sobre o assunto, expondo suas emoções e opiniões. Além disso, outro aspecto favorável é que pode aparecer no decorrer do diálogo alguma informação que não constava previamente do roteiro da entrevista, permitindo ao pesquisador adicionar outros questionamentos que venham a contribuir com os objetivos do estudo, o que ocorreu em determinados momentos da entrevista com o professor de Educação Física. O roteiro apresentado foi empregado previamente, como forma de estudo piloto, por meio de entrevista com dois professores de Educação Física oriundos do mesmo contexto de atuação, para que fosse possível analisar a coerência e pertinência das perguntas e da estrutura do instrumento.

Com relação ao questionário aplicado aos alunos, o mesmo foi de caráter aberto (questões discursivas), norteados pelos eixos: aulas de PCAs, dificuldades oriundas das intervenções e possibilidades para as aulas de Educação Física na escola. Conforme Mattos, Rosseto Jr. e Blecher (2004), o questionário aberto possibilita construir a resposta com as próprias palavras, permitindo, deste modo, uma maior liberdade de expressão e o recolhimento variado de informações sobre o tema em questão. Além disso, uma vez que os alunos não foram identificados nominalmente no instrumento, houve a possibilidade de eles terem maior liberdade na expressão de suas considerações, sem haver o risco de serem repreendidos por causa das suas respostas.

Para a estruturação do instrumento do questionário, por não haver na literatura nacional de forma validada nenhum outro material semelhante, optamos por seguir a estratégia de criarmos o roteiro de perguntas e apresentarmos para um corpo de quatro especialistas, todos professores doutores na área da Educação Física com ampla experiência no âmbito das pesquisas qualitativas. Esse processo permitiu que fizéssemos a validade de conteúdo do instrumento, considerando a coerência em sua estrutura e a adequação aos objetivos pretendidos.

Procedimentos

Todos os procedimentos foram autorizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de origem dos autores, sob o protocolo número 10074. A implementação do programa das PCAs foi constituída de quatro encontros durante um mês, sendo cada um com duração de 80 minutos. Cada encontro foi referente a uma modalidade pertencente às PCAs, sendo elas o *parkour* (primeiro encontro), o *skate* (segundo encontro), a corrida de orientação (terceiro encontro) e o surfe (quarto encontro), proporcionando aos alunos vivências variadas dos conteúdos propostos. Um quinto encontro foi realizado com o intuito de coletar os dados para o estudo por meio da entrevista e questionários.

Cada uma das aulas foi dividida em três momentos. A primeira parte consistia na abordagem mais conceitual das PCAs, na qual era explicado aos alunos o tema a ser desenvolvido, o histórico e evolução, os equipamentos, as vestimentas, os movimentos e técnicas básicas, interpretação de mapas e manuseio de bússolas, levando em consideração os

conhecimentos que os alunos possuíam, havendo, assim, uma interação entre o professor e os alunos. Foram apresentados vídeos sobre a modalidade em foco para uma melhor visualização e conhecimento da mesma.

Já na segunda parte da aula, foram realizadas vivências sobre as PCAs, em que foram propostas atividades de maneira adaptada, levando-se em consideração os conhecimentos adquiridos e discutidos na primeira parte da aula, de acordo com cada uma das atividades desenvolvidas. No *parkour*, os alunos simularam um circuito com transposição de obstáculos. No *skate*, realizaram vivências inicialmente em duplas, sentados, e depois em pé, para auxiliar no equilíbrio, logo após de forma individual, e ao final fizeram um circuito com curvas e deslocamento pelo espaço traçado. Na corrida de orientação, formaram equipes e participaram de uma corrida adaptada pelo espaço da escola. No surfe, simularam manobras e técnicas adaptadas de movimentos individualmente em colchonetes dispostos na quadra.

Por fim, no terceiro momento da aula, após as vivências das modalidades em si, os alunos puderam discutir sensações, percepções e valores acerca das experiências vividas junto aos demais, como respeito ao outro, questões ligadas à segurança durante a prática, o medo e o prazer, respeito ao meio ambiente, entre outros.

Após a implementação do programa foi realizada a entrevista semiestruturada com o professor, bem como a aplicação do questionário aberto aos alunos participantes.

No caso dos alunos, antes da realização dos procedimentos de coleta de dados, houve uma reunião com os pais e/ou responsáveis para explicar todos os procedimentos. Como não foram todos os pais que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contamos com a participação no questionário de 18 alunos. Destaca-se, porém, que por se tratar de atividades desenvolvidas durante as aulas de Educação Física na escola, os demais alunos da turma (11, uma vez que ao todo a turma apresentava 29 estudantes) participaram normalmente das ações, sendo apenas não incluídos no momento de coleta de dados ao final da implementação do programa (questionário).

Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de análise de conteúdo temático, a qual favoreceu a visualização dos conceitos mais relevantes nas falas dos sujeitos.

Conforme relata Richardson (1999), a análise de conteúdo temático é um instrumento bastante utilizado e que permite a descrição, a análise, a compreensão e a classificação dos processos vivenciados, assimilando o que é efetivamente relevante para o estudo.

Os conteúdos foram categorizados como preconiza Bardin (2004), implicando na classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, em seguida, por analogia, com os critérios previamente definidos. Para este estudo, foi realizada a escolha da unidade de análise e se decidiu pela análise temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressalta-se que esta seção do texto será dividida em duas categorias principais, a partir da análise temática: possibilidades acerca da implementação do programa de PCAs na escola e dificuldades que impedem a efetivação da proposta. Dentro das possibilidades, três subcategorias serão discutidas, as quais versam sobre a ampliação dos conteúdos na Educação Física escolar, a motivação dos alunos e professor sobre o programa implementado e o aprofundamento dos conteúdos em suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

Possibilidades do programa de PCAs na escola

No que tange às possibilidades relacionadas à ampliação dos conteúdos, a implementação do programa de PCAs na escola foi muito bem avaliada tanto pelo professor como pelos alunos, os quais viram a inserção das modalidades de aventura como interessantes e enriquecedoras do ponto de vista pedagógico.

O professor considerou as aulas interessantes e bem ministradas, por propor atividades diferentes das vivenciadas no cotidiano dos alunos em suas aulas, e, assim, diferenciando-se dos esportes tradicionais oferecidos historicamente pela escola, mesmo utilizando-se de adaptações e improvisos para a realização das PCAs.

Levando-se em consideração as modalidades dos Jogos Esportivos Coletivos hegemônicos em termos de tradição de ensino nas aulas de Educação Física (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), os professores tendem a abordar apenas aqueles conteúdos que possuem maior domínio, o que torna, muitas vezes, as aulas de Educação Física restritas e vinculadas a esses esportes coletivos, deixando de lado outros componentes relevantes da cultura corporal (DARIDO; RANGEL, 2005).

Esses pontos de vista ilustram que, embora muitas escolas abordem somente alguns esportes mais tradicionais, é importante a vivência pelos alunos de outras modalidades e manifestações corporais diferenciadas, para que eles aprimorem uma visão crítica e tenham condições de escolher ou mesmo saber o que existe para que possa empregar, por exemplo, em seu tempo de lazer atual e quando tornar-se adulto.

Ainda nessa perspectiva, de acordo com Pereira e Armbrust (2010), muitos professores de Educação Física identificam o ensino tradicional como aquele que ensina técnicas esportivas por meio da repetição dos movimentos, atitudes e gestos, porém essa é uma visão que, atualmente, precisa ser reformulada. É necessário ressignificar as práticas corporais para ensiná-las de modo mais crítico, além de ser fundamental a ampliação do ensino de outras manifestações da cultura corporal de movimento para além do esporte, permitindo aos alunos a reflexão e a criticidade acerca das PCAs, assim como de outros elementos dessa cultura corporal.

Como aspecto positivo de maior relevância, percebeu-se que os alunos se mostraram bastante interessados e envolvidos com as atividades propostas, tendo significativo sucesso entre eles. O depoimento de dois alunos retratam essa questão:

“Foi muito legal a aula, porque sempre aprendemos vôlei, futebol, e com essas aulas diferentes aprendemos coisas novas e saímos da rotina” (Aluno 8).

“É muito divertido e legal praticar as atividades de aventura, gostei muito e quero ter novas aulas parecidas com estas que tivemos” (Aluno 13).

Alves e Corsino (2013) acreditam ser necessária a inclusão nos currículos escolares de atividades contemporâneas e desafiadoras, possibilitando uma maior ampliação e diversificação de conteúdos. Tal assertiva reforça o questionamento aos alunos sobre o que eles acharam das aulas com as PCAs, sendo que a maioria citou as aulas como *“muito legais e interessantes”*, como é possível observar no próprio discurso de um dos alunos participantes do programa:

“Foram aulas muito legais e eu aprendi várias coisas” (Aluno 6).

Sobre os conteúdos das aulas, os alunos foram questionados sobre quais das aulas realizadas foi a mais interessante, sendo que a corrida de orientação (56%) foi a mais citada, seguida pelo *Parkour* (22%), *skate* (17%) e o surfe (5%). Uma possível razão para o surfe ser a atividade menos destacada pelos alunos pode se dar devido ao fato desta intervenção ter sido desenvolvida de forma adaptada, no pátio da escola e sem qualquer tipo de envolvimento com a prancha de surfe ou com o ambiente líquido, por conta das condições de infraestrutura possíveis para esta implementação.

No caso da inserção do *Parkour* enquanto conteúdo educativo, Fernández-Río e Suarez (2014) apresentam uma pesquisa realizada com alunos da sexta série do ensino fundamental pertencentes a uma escola na Espanha. Esclarecem que tal prática pode ocorrer durante as aulas de Educação Física, uma vez que não há a necessidade de equipamentos específicos e aspectos como cooperação, respeito, integração e autodisciplina podem ser desenvolvidas nestas vivências entre os alunos. A instituição escola não pode deixar de enxergar estas práticas enquanto novos conteúdos que possam ser ministrados nas aulas, uma vez que a popularidade das atividades de aventura cresce constantemente tanto na veiculação pela mídia quanto na participação de indivíduos de todas as faixas etárias, incluindo crianças e jovens em diferentes tipos de modalidades.

Em relação à motivação dos alunos em ter tido um programa de PCAs como conteúdo em suas aulas, questionou-se a opinião deles acerca de ser interessante e motivador terem este conteúdo durante as aulas de Educação Física. Os resultados foram satisfatórios. A grande maioria dos estudantes considerou interessante e motivador (89%), enquanto os outros 11% mostraram-se parcialmente relutantes, por não terem tanto domínio das modalidades. Nenhum aluno citou que não gostaria de que não se sentiu motivado acerca da inserção das PCAs no desenvolvimento das aulas.

A fala do professor retrata esta questão relacionada à motivação despertada nos alunos:

“... acredito que o ensino das PCAs é fundamental pra aprendizagem e torna as aulas muito mais motivadoras para os alunos” (professor colaborador).

Franco (2008) defende a inserção das atividades físicas de aventura na escola, mesmo que de maneira adaptada, devido ao fato do conhecimento e da vivência dessas diferentes modalidades levarem a sensações e experiências motivacionais que desenvolvam aspectos afetivos, cognitivos e motor de seus praticantes.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar as considerações de Williams e Wainwright (2015) ao analisar a inserção dos conteúdos de aventura nos currículos das escolas do Reino Unido, reconhecendo a pouca inserção destes conteúdos em favor das práticas mais tradicionais, embora tenham um potencial educativo importante. Quatro características dessas práticas são centrais e estão relacionadas às possibilidades de serem praticadas ao ar livre, promoverem experiências significativas de aprendizagem, serem desafiadoras e apresentarem o risco controlado. Os autores mencionam que, por meio destas práticas, os alunos podem assumir mais responsabilidade por seu próprio aprendizado, apoiando os processos de tomada de decisão e tornando-os mais motivados para as aulas.

Em relação ao aprofundamento dos conteúdos em suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, esse foi o principal ponto destacado pelo professor como positivo sobre a implementação do programa de PCAs na escola.

Inicialmente, uma parte de conhecimento mais conceitual, com apresentação das informações gerais das modalidades e vídeos ilustrativos, seguida por uma parte de caráter mais procedimental, com vivências e atividades sobre as respectivas modalidades, de maneira simples e adaptada, uma vez que não é necessário acontecer da maneira oficial e com equipamentos específicos. Por fim, intervenções que abordaram a dimensão atitudinal e as discussões geradas com os alunos sobre as experiências vivenciadas e valores atrelados à prática. Destaca-se, contudo, que as dimensões não são eixos “estanques”, e que, a todo momento, relacionam-se durante as intervenções docentes.

O professor destacou também que essa divisão é a mais adequada e coerente, sendo que um trecho do depoimento do professor ilustra essa questão:

“... as aulas foram bem estruturadas, e o aluno, por ter a aula teórica e vídeos, tem noção do todo das atividades de aventura, para na prática saber a teoria”.

Os alunos também entenderam a importância desta divisão, embora não soubessem discernir muito bem as três dimensões dos conteúdos. Boa parte dos alunos citou como positiva a possibilidade de ver vídeos das modalidades, que, até então, pouco ou nada conheciam a respeito. Abrem-se, assim, oportunidades para que eles conheçam a cultura corporal em sua dimensão mais ampla. Uma fala de um aluno chama a atenção nesse sentido:

“*Não conhecia nada do parkour, agora vendo o vídeo sei muito bem o que é*” (Aluno 13).

Nessa perspectiva, pode-se observar que para as aulas de Educação Física possam atingir seus objetivos de maneira mais ampla e sistemática, são necessários a união e o entrelaçamento de diferentes saberes, para que seja proporcionado aos alunos um conhecimento mais abrangente, crítico e ampliado sobre o tema a ser desenvolvido.

Dificuldades para a implementação das PCAs no contexto escolar

Em relação à categoria das dificuldades e obstáculos que cercam o processo de implementação do programa de PCAs na escola, foi questionado ao professor de Educação Física se ele já havia pensado ou mesmo trabalhado com algum tipo de PCAs anteriormente. Ele, por sua vez, respondeu nunca ter pensado e muito menos abordado o tema em suas aulas, fato que ilustra uma possível deficiência no processo de formação inicial de professores, uma vez que para ele este conteúdo foi pouco abordado durante sua graduação.

Capaverde, Medeiros e Alves (2012) explicitam que o desconhecimento dos próprios professores em relação a uma possível inserção destas práticas no contexto educacional torna-se um dos fatores que inviabilizam e dificultam muito o processo em conseguir oportunizar aos alunos a vivência e o aprendizado do conteúdo aventura.

Um dos aspectos negativos na ótica do professor foi o curto período de implementação do projeto, sendo somente uma turma contemplada, gerando curiosidade e vontade de participação das demais turmas da instituição.

Isto também é reforçado pela opinião dos alunos, onde se pode ver nos depoimentos abaixo:

“*Gostaria de vivenciar mais aulas com estas atividades*” (Aluno 5).

“*... conhecer outros esportes que sejam também da aventura*” (Aluno 16).

Outro fator apontado como negativo é a necessidade de adaptações para que essas aulas possam ocorrer com qualidade, devido à falta de infraestrutura da maioria das escolas e a escassez de equipamentos de segurança.

O professor acrescentou, ainda, que há necessidade de toda a equipe escolar trabalhar em conjunto; direção, coordenação, professores e alunos, para que aulas sobre PCAs possam apresentar resultados satisfatórios e que os alunos possam se envolver com prazer e vontade assim como nos esportes de quadra.

Ao referir-se às atividades físicas de aventura, Franco (2008, p. 32) aponta que “esse conhecimento e suas vivências proporcionam sensações e experiências que atingem o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas”.

Tal fato evidencia que mesmo sendo necessárias adaptações devido à falta de material e infraestrutura na maioria das escolas brasileiras, essas práticas possuem um potencial em estimular a vivência e diferentes sensações aos alunos, oportunizando o conhecimento de novas práticas atreladas à cultura corporal de movimento.

Em relação às adaptações que se fazem necessárias, Franco (2011) comenta que quanto mais modalidades o professor puder adaptar à estrutura de sua escola e quanto mais vivências puder proporcionar aos educandos, mesmo que fora do ambiente escolar, mais amplo será o conhecimento sobre a cultura corporal de movimento a ser ensinada às crianças e jovens.

Nessa mesma ótica das adaptações, Tahara e Carnicelli Filho (2013) apontam que algumas modalidades necessitam de materiais específicos para a prática, o que pode dificultar a execução durante as aulas de Educação Física escolar. Em alguns casos, o próprio professor tem algum tipo de material por já possuir relativa experiência na modalidade, e aí consegue adaptar uma situação que possibilite aos alunos experimentar algo novo. Entretanto, outras modalidades são bastante simples em sua dinâmica, como é o caso do *trekking*, a corrida de orientação, o *sandboard*, entre outros, o que facilita sua inserção entre os educandos.

É possível notar no discurso do professor uma preocupação em relação à infraestrutura e equipamentos de segurança nessas práticas, sendo necessário o maior cuidado possível na realização de diferentes atividades, uma vez que cada prática requer cuidados e tipos de segurança diferentes.

“... o tema é bem difícil de ser trabalhado devido a infraestrutura proporcionada e oferecida não somente por esta escola, mas pela grande maioria das escolas públicas, sendo necessário adaptações, mas é possível sim.”

Pelo fato das PCAs serem atividades que têm como característica a questão do risco controlado, ou seja, na realização de diferentes modalidades podem ocorrer situações de perigo, essas situações são controladas pelas “regras” e meios de segurança de cada modalidade, sendo assim de fundamental importância na realização de qualquer tipo de PCAs e devem ser constantemente mediadas pelos docentes.

Buscou-se averiguar se os alunos sentiram algum tipo de risco e/ou encontraram alguma dificuldade durante a execução das aulas, e a grande maioria afirmou não ter percebido e/ou encontrado. Um aluno apontou dificuldade na aula de *parkour*, outro na aula de *skate* e outros dois na aula de corrida de orientação, porém os quatro alunos não especificaram mais dificuldades em relação às aulas. Os demais 14 alunos não apontaram dificuldade alguma.

Referente às dificuldades das aulas, as respostas sobre o *parkour* e o *skate* possivelmente se devem ao fato de serem modalidades que utilizam muito o equilíbrio corporal para a sua realização. Já na aula de corrida de orientação, a dificuldade se deu pelo fato da exigência de um mínimo de condicionamento físico pelo deslocamento entre os pontos a serem cumpridos.

Tendo em vista as dificuldades acima, é provável que uma quantidade de professores em nível nacional explore com pouca profundidade o conteúdo das PCAs em suas aulas, podendo dificultar o seu efetivo desenvolvimento no ambiente escolar. Sendo assim, o propósito deste estudo foi apontar que, mesmo com adaptações, é possível implementar um programa com tais práticas, no sentido de oportunizar aos alunos um conhecimento e vivência de novas experiências educacionais.

CONCLUSÃO

Acredita-se que esta pesquisa alcançou seus objetivos, uma vez que foi possível apresentar aos alunos e professor um novo conteúdo a ser desenvolvido nas aulas, aumentando assim o leque de possibilidades que a Educação Física apresenta. Foi possível proporcionar o conhecimento de novas práticas a serem tratadas em aulas, assim como os resultados sobre a implementação do programa de PCAs foram satisfatórios sob ponto de vista do professor e dos alunos envolvidos no processo.

Obviamente se imagina que inúmeros obstáculos para inserção das PCAs em âmbito escolar possam ocorrer, mas espera-se que o professor possa ter vontade em tratar um conteúdo (infelizmente) pouco abordado na área da Educação Física.

O projeto revelou algumas limitações, sendo elas a escassez de materiais na escola, a falta do espaço físico adequado para a execução das práticas, remetendo à realidade de muitas outras escolas do Brasil e o pouco tempo de execução do programa, cuja intervenção ocorreu em quatro encontros. Tal fato incita o prosseguimento de novos estudos que busquem avançar na compreensão de propostas relacionadas às PCAs no âmbito das aulas de Educação Física escolar.

Considera-se que as PCAs apresentaram possibilidades de inserção no contexto escolar, mesmo que de maneira adaptada. Por serem manifestações corporais que fazem parte da cultura corporal de movimento, é necessário introduzi-las de forma adequada no contexto das aulas de Educação Física, ampliando as possibilidades pedagógicas desse componente curricular, além de aumentarem a variedade de conteúdos da Educação Física, proporcionando aos alunos sensações e emoções diversificadas e, ainda, possuírem valores atrelados a elas. Entretanto, mesmo inserida na esfera da cultura corporal de movimento, as PCAs necessitam de mais estudos que possam viabilizar aos professores formas efetivas de abordar estes conteúdos ao longo da prática pedagógica na escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. S. R.; CORSINO, L. N. O *Parkour* como possibilidade para a Educação Física Escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXV, n. 41, p. 247-257, 2013.

AURICCHIO, J. R. Escalada na Educação Física Escolar. Orientação adequada para a prática segura. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.14, n.139, dez.2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd139/escalada-na-educacao-fisica-escolar.htm> Acesso em: 06 outubro 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições70, 2004.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Proposta Pedagógica para as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) na Educação Física do Ensino Médio. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006. p.180-209.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

CANTORANI, J. R. H.; PILATTI, L. A. O Nicho Esportes de Aventura: um processo de civilização ou descivilização? **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.10, n.87, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm> Acesso em: 13 março 2015.

CAPAVERDE, M. R.; MEDEIROS, T. N.; ALVES, S. L. C. Esporte de Aventura nas aulas de Educação Física: uma alternativa ao alcance dos profissionais? **Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Org.). **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293 p.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 6. ed. São Paulo: Futura, 2002.

DIAS, C. A. G.; ALVES JÚNIOR, E. Conceptual notes regarding the sports in nature. **The FIEP bulletin**, Foz do Iguaçu, v.76, p.141-144, 2006.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaio o “novo” em Educação Física Escolar: a perspectiva de seus atores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.33, n.1, p.119-134, 2011.

FERNÁNDEZ-RÍO, J.; SUAREZ, C. Feasibility and students’ preliminary views on parkour in a group of primary school children. **Physical Education and Sport Pedagogy**, p.01-14, 2014.

FORQUIN, J. C. **Currículo e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCO, L. C. P. **Atividades Físicas de Aventura na Escola**: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. [Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Ciências da Motricidade]. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista, 2008.

FRANCO, L. C. P. Atividades Físicas de Aventura: possibilidades no contexto escolar. In: DARIDO, S. C. et al. (Orgs.). **Educação Física Escolar**: compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011. p.265-285.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura**: práticas corporais e a organização do conhecimento. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-135.

GONÇALVES JÚNIOR, L.; CARMO, C. S.; COLLOCA, E. A.; CORRÊA, D. A. Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL): dialogando a partir do cicloturismo na escola. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.4, p.01-16, 2011.

MATTOS, M. G.; ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física**: construindo sua monografia, artigo científico e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST I. **Pedagogia da Aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura; 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Aventuras na natureza**: consolidando significados. Jundiaí: Fontoura, 2006.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba, v.1, n.1, p.60-66, 2013.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WILLIAM, A.; WAINWRIGHT, N. A new pedagogical model for adventure in the curriculum: part two – outlining the model. **Physical Education and Sport Pedagogy**, United Kingdom, v. 20, n. 4, 2015.